

Da Saudade como União-Cisão Primordial

Paulo A. E. Borges
(Universidade de Lisboa)

*Em homenagem a Afonso Botelho,
pensador maior da Saudade,
na memória dos muitos momentos partilhados
de distinta e fina amizade, humor e ironia*

I

Há instantes - cuja não-duração avassala e transfigura toda as modalidades da experiência do tempo - em que, arrebatados aos quotidianos hábitos mentais e afectivos, nos surpreendemos em algo que, supremamente simples, íntimo e estranho, nos concede um inefável sentimento de infinito, plenitude, potência e liberdade. Furtando-nos ao comum centramento da atenção no que pensamos como o nosso ser, ou como outros seres e entes, tal instância in-finitizadora excede os limites ou a ficção de uma identidade subjectiva, construída por segregação objectivante da alteridade, desvelando-nos no fluir da fenomenalidade universal, e a este em nós, porém irreduzivelmente outros do que nos e o julgávamos. Patenteando-se o centro incentrado e incandescente da vida uni-total, tal instância tudo entremostra, em feérica vertigem, irrelativo a qualquer princípio, fundamento, substância e essência ou existência, reais ou racionais, numa *transcendência* de toda a determinação que, irreduzível a ser entificada como *transcendente*, não menos o é a qualquer superlativização, negação ou privação das determinações do ser e do pensar. Ao evanescer como mera aparência toda a suposta auto-evidência e auto-consistência do finito e determinado, onto-lógica e ideo-realmente, a totalidade dos fenómenos converte-se em *aparência*, crepitante de uma pujança e

potência indizíveis, só mediocrementemente sugeridas pelo discurso conceptual. *Transcensão* da condição e do regime de consciência, agora desocultados como só aparentemente comuns, do suposto homem e dos supostos seres, mas não em ordem a qualquer *transcendente* objectivado, entificado e reificado, tal experiência, simultaneamente *ex-tática* e *ens-tática*, é a de uma universal e igualitária re-integração no mais puro imo.

Desvela-se então, como iluminação fulgurante a vincular os mais fundos espanto e serenidade, que, nesta primordial e intemporal instância universal - que ainda e sempre impropriamente poderíamos designar por *vácuo pleno*, esperando que a coincidência de contrários possa sugerir a irrelatividade a qualquer caracterização dialógica e limitadora, positiva, negativa, positiva e negativa ou nem positiva nem negativa - , a comum e incomum configuração que a cultura humana - mítica, religiosa, metafísica, científica - conferiu à uni-totalidade do existente - re-partindo-o em entificações como Deus, Diabo, deuses, anjos, demónios, titãs, homens, espíritos subtis, animais, vegetais, minerais e artefactos, seja qual for a sua ordem, estrutura ou hierarquia - perde toda a razão de ser, evanescendo como intrinsecamente ilusória. Nada se anulando em absoluto, mas apenas a suposta consistência da sua aparência relativa, tudo se evidencia e sente comungante na mesma estranha e íntima ausência de limites e formas, excedendo tanto a ordem do ser como a da sua compreensão. É tal arrebatamento que, uma vez desvelado, e não podendo deixar de ser re-cordado e almejado, como a instância primordial, natural e eterna de tudo, logo que atenuado, ou parcialmente esquecido, nos deixa saudade infinita, ou seja, memória-desejo inevitáveis, em união-cisão e ausência-presença, do único que sem carência os pode satisfazer, isto é, anular. E a quem tal saudade, sem máscaras, caricaturas ou finitos sucedâneos, assim inspira e con-voca, sabe quão estranha, fictícia e falaz é a vida dita normal e séria dos supostos seres - homens, deuses, demónios e outros - que, emergentes no referido arrebatamento pela própria saudade, como adiante se dirá, vão sendo na, pela e para a sua oclusão e como se assim para ser fossem. Significativo disso é que a própria interpretação predominante da instância saudosa tenda a esquecer o seu matricial e escatológico vínculo ao que só nesse, por e para esse esquecimento surge como princípio, e assim tenda também a esquecer o mesmo vínculo à emergência e destino do integral universo, para a destacar e obscurecer nas relações unilaterais, parciais e circunstanciais entre Deus, homem e cosmos, entitativamente representados,

ou ofuscar-se mais ainda ao reduzi-la à experiência humana, na constituição regressiva-progressiva do tempo psicológico e/ou na onto-fenomenologia da afectividade, sem as apreender como focos de enigma que num mais denso mistério se implicam e possibilitam.

Tentemos avançar na explicitação da experiência vivida que, embora rara e incomum enquanto re-conhecida e estruturante da vida aparente dos seres (e como poderia ela sê-lo, sem que a tal aparência dissolvesse !?), nem por isso se nos afigura alheia ao seu mais quotidiano presentimento e regime pré-compreensivo, como o atesta a prontidão no negá-la e/ou rejeitá-la, confissão do implícito sabê-la. Encetando a tarefa não só árdua como fatalmente infiel e falaz da conceptualização, falamos duma instância, excedente e unificadora de todas as potências do ser, revelando a ilegitimidade da sua separação em faculdades distintas, em que a uni-totalidade do dito existente se revela, em indistinta visão, sentimento e sensação, livre de qualquer pressuposto conceptual ou categorial que permita o seu recorte analítico, ainda que tendente a uma ulterior síntese, naturalmente impotente para reconstituir, a partir da artificiosa fragmentação do dis-cernimento mental, a indecomponível uni-multiplicidade primeva, dinâmica e interactiva de tudo. Tal experiência ou intuição pura - não intelectual, nem afectiva, nem sensível, porque irrelativa a esta diferenciação de planos - , sem modelos a priori, é a própria primordial dinâmica uni-múltipla que nos arrebatava, pulverizando toda a correlação sujeito-objecto, que só reocorre no/neste distanciamento que nos re-constitui sujeito onto-psicológico, permitindo o discurso conceptual, esfriada e cristalizada expressão de um incêndio de jubilosa plenitude. O que no entanto permite e fecunda tal discurso, neste mesmo momento, em todo o seu possível rigor lógico, metafórico e simbólico, é ainda esta espontânea irrupção da uni-totalidade nua e livre, na exuberante miríade e plasticidade das suas fulgurações energéticas, anterior à distinção da sua apreensão segundo os planos noético e psico-físico. Na sim-patia e interdependência da fenomenalidade universal - no centro omnipresente e omniausente da qual reside intrinsecamente a intuição que, constituindo-se, a constitui - , nada possui uma consistência autónoma e separada, o que não anula e antes exalta a irrepetível singularidade de cada um dos seus momentos, decerto não cindidos mas antes engolfados no instantâneo jogo dançarino e metamórfico de tudo. Não obstaculizando tal

instância - na opacidade do seu esquecimento ou afirmação/negação, sem consciência da correlação e limites do afirmar/negar e do que os excede - , desvela-se e liberta-se a pletórica plenitude da unificação-multiplicação de todas as coisas, no advir da sua fulguração inata, virgem e ileza de quaisquer determinações ou configurações, como as produzidas, nos primórdios de toda a cultura e de toda a técnica (que só ingenuamente se supõem apenas humanas), por ou em nome de Deus, dos deuses, dos homens ou de qualquer outro ente determinado, isto é, cindido da plenipotente liberdade que aqui, agora, sempre e eternamente pela saudade insta.

Perante tamanho poder de auto-evidência desta liberdade universal - que num sentido assumimos como a verdade, enquanto unicidade omni-abrangente da instância in-finitizadora, irreduzível a qualquer critério ontognosiológico e modo de correlação sujeito-objecto - , maior e mais incómoda dificuldade surge, que é a de compreender e suspender a gênese, a natureza e o sentido do seu outro. Embora denunciados como ilusórios e dissipados pela instância que referimos, os multiformes modos do ser determinado, separado e finito - *porque e apenas enquanto pensado e sentido, ou seja, construído, como tal* - não deixam de se impor, com não menos aparentes evidência e poder intrínsecos, aos seres que semelham persistir no não arrebatamento pela verdade. Auto-escravizados pelo amor-próprio, ou seja, pelo amor a si, o amor do que em si é mais impróprio, trocam pelo ser para si enquanto entes finitos o primordial e instante descentramento numa plenitude e intimidade comunitárias, julgando poder artificialmente reconstruir o tempo e a vida originários à imagem e semelhança do seu ser despotenciado e empobrecido pela fuga da infinitização universal, fazendo-os servir as ilusões, incapacidades e aspirações da privacidade assim gerada, ávida de segurança e de justificação do sumamente injustificável. Em quem, mais genuinamente apoderado pela verdade, se não perca e antes exalte a capacidade de aperceber e sentir o que a ela obsta, sobejamente patente isso lhe será na gritante e omnímoda aparência da insatisfação, sofrimento e dor universais, decerto nada ilusórios e bem reais para os seres encarcerados na ilusão da vida finita, que é, sublinhe-se, a *ilusão realizadora de vida apenas finita*. Esta tomada de consciência, indissociável da eclosão do mais puro, universal e incondicional amor, é a condição sem a qual todo o saber não é mais que a vã, orgulhosa e potencialmente perversa pretensão de uma concupiscência mental, na sua

vontade de prazer, ostentação e domínio impotente para a e/ou indiferente à promoção da libertação suprema, a qual só é fim último, consciente ou não, de tudo o que existe, por ser - tremeluzindo através de uma condição auto-ilusória - a sua indestrutível, eterna e instantânea verdade, o seu irrecusável princípio.

Contudo, num outro sentido, mais radical, mais do que opor, como contraditórios, infinito, liberdade, verdade, beleza e bem a finitude, determinação, ilusão, fealdade e mal - o que de algum modo instauraria uma dualidade eidético-axiológica, ainda que apenas mediata, incomportável quer pela unicidade do vácuo pleno que em nós insta como o único e eterno necessário (jamais atenuado, cindido ou suspenso), quer pela complementaridade, coincidência e transcensão dos contrários que se co-implicam no seu pensamento e experiência - , conviria porventura considerar ambos os termos, em sua mesma tensão antagónica, como possibilidades cúmplices e conaturais de perspectiva do, e de relação ao, mesmo princípio neutro de onde assim emergem, constituindo-se como tais. A comunhão, potencialmente universal, na liberdade e na determinação, no infinito e na finitude, na verdade e na ilusão, na beleza e na fealdade, no bem e no mal, deve ser então compreendida como comumente decorrente da possibilidade de algum ser ou modo de ser se constituir, determinando-se e assumindo uma perspectiva, forma e posição onto-lógica, no seio do informe primordial, ao qual no mesmo acto determina, ainda que como tal: informe primordial.

Assim, é ainda a própria evidência fenoménica da experiência dos contrários, bem como, sobretudo, de sujeitos dela, ou, melhor, que nela livremente se constituem, que nos permite apreender - obviamente na relatividade que esta apreensão institui - no aparentemente unicitário princípio uma abertura e matriz lúdica de múltiplas possibilidades que, não providas de, nem tendentes a qualquer essência, ou finalidade extrínseca ao exercício da sua pura a-determinação primordial, se vão actualizando, determinando e essencializando processualmente no jogo e acto mesmo da sua livre e auto-criadora *in-ex-cisão in-ex-existencial*, jamais definitiva e irreversível. E dizemos *in-ex-cisão* pois todo o vir a ser algo no e a partir do tudo-nada ser, na inclusiva fissura que é a génese e o modo de todo e qualquer processo de entificação, em que o *ad intra* e o *ad extra* se coimplicam, só é possível enquanto di-ferenciação e id-entificação simultâneas, e afinal idênticas - como o duplo aspecto do mesmo acto único, afirmativo-negativo - ,

no vácuo pleno, potenciando e modulando o processo de união-cisão originária que, excedente e possibilitadora de todo o ser, pensar e dizer, naquele emerge e se reconhece.

Radicalizando a busca de tal origem, surpreendemo-nos num princípio que, alheio à dualidade antinómico-dialéctica da auto-consciência dialógico-reflexiva, em si nada sendo para si e tudo sendo no seu nada ser para si mesmo, abriga no íntimo de sua insciência abissal infindas e omnímodas possibilidades de (auto)manifestação e (auto)consciência, ou seja, de relações a outros, e de outros a si, que implicitamente são de si para si mesmo, e somente nas, pelas e para as quais lúdica e gratuitamente se gera, reconhece e consiste enquanto tal, ou seja, enquanto princípio. Em tais possibilidades, puras potências não actualizadas nem determinadas, primordialmente conviventes numa comunhão, harmonia e transparência plenas, constituída cada uma por dançarina simpatia e reciprocidade osmótico-erótica na totalidade das demais e na transcendência imanente do princípio, se gera e processa a vida interna deste como o mesmo-outro que ele, pela união-cisão saudosa que, instauradora da dinâmica complementaridade finito-infinito e conversora do vácuo pleno num presente-ausente, lhe permite assumir uma configuração onto-lógica, como qualquer uma que as múltiplas formas de tradição mítica, religiosa, metafísica e científica lhe têm conferido, sempre relativa às ilimitadas perspectivas do seu indirecto e mediato auto-reconhecimento como tal, ou seja, à ilimitada multiplicidade dos seres finitos-infinitos no processo lúdico-metamórfico de uma auto-criação que simultânea e indissociavelmente o é do princípio e da sua pletórica manifestação.

Simultaneamente idêntica ao e diferente do princípio, simultaneamente gerada por ele e sua geradora, enquanto princípio, a partir da vacuidade da insciência abissal do que é alheio à eclosão de multiplicidade que lhe permite determinar-se e ser determinado como uno, a comunidade dos possíveis vem a ser pela união-cisão, na manifestação primordial cuja potência de uni-multiplicação, coincidentemente identificadora e diferenciadora, *ad intra* e *ad extra*, é a Saudade. A feminilidade ex-uberante desta, simultaneamente virginal e parturiente, esposa, filha e mãe do finito e do infinito na pulsão criadora-destruidora da vida universal, na eónica e instantânea sempiternidade da sua temporalização primordial, é a transcendência imanente que (se) re-vela pura eclosão insubstancial, graciosa e lúdica, dançarina, proteica e vertiginosa: processo no seio do

qual apenas para o discurso conceptual-entitativo se recortam as noções diferenciadas de vácuo pleno, saudade e comunidade universal de potências puras, como se correspondessem a entidades estantes e não caleidoscopicamente cogeradoras, comutáveis e coalescentes. Assim, é ainda e só concedendo à tradição e exigências do pensar metafísico que dizemos ser a Saudade, enquanto união-cisão re-veladora, na gratuidade e a-racionalidade do seu abissal haver sem fundamento, o *fundo sem fundo*, dinâmico, imprevisível e insubstancial de tudo quanto, nela e por ela, *in-ex-iste*: Deus, seres e coisas, espírito, alma e matéria, ideia e realidade. Designamos assim como Saudade o Sacrifício que a tudo torna possível, ou seja, o mistério pelo qual algo in-existe no inefável absoluto, suscitando a sua mesma e correlata in-ex-sistência. *Todo o entendimento do sentido da presente teoria e especulação depende da compreensão desta acepção, incomum mas não sem antecedentes, da saudade.*

Pela saudade, vínculo sem divórcio do máximo en-simesmamento do *solus* e do pleno ex-simesmar-se do *salus*, ânimo fremente da relação finito-infinito - considerada na reciprocidade dos termos e das direcções, *pois cada um só o é na medida em que no outro se converte* - , algo/tudo vem a ser, e a poder pensar-se e dizer-se, na plenitude, assim comungada, do supra-essente e supra-existente vácuo. É neste sentido que, se a saudade é *excesso*, é-o coincidentemente do absoluto na comunidade de potências inter-relativas e desta naquele, revelando indivisíveis a relativização do absoluto e a absolutização do relativo, a finitização do infinito e a infinitização do finito, a ausentificação da presença e a presentificação da ausência, num processo de interacção relacional em que a criação (no sentido de metamorfose e transmutação) prevalece sobre a representação coisificante de um Criador e de criaturas substancialmente consistentes numa ausência de relação mutuamente genesiaca. Infinito, liberdade, verdade, beleza e bem, e seus contrários, bem como todas as formas e figuras possíveis de subjectividade (unicamente para as quais aquelas noções ganham sentido, ideal e real) - livres, informes e ainda não determinadas potências, Deus, Diabo, deuses, semi-deuses, titãs, demónios, homens, espíritos subtis, animais e outras mais germinais e elementares - , assim diferenciadamente se possibilitam na e pela Saudade, como o que no vácuo abissal e pleno, e a partir dele, se instaura originariamente, enquanto haver de um poder ser o mesmo-outro que ele, passível de vários graus e formas de plástica e dramática

atualização onto-lógica, por mais ou menos unilateral esquecimento, negação, recusa e/ou afastamento, ainda lúdico-aventurosos, da unicidade do incontornável vínculo unitivo-separativo, por potenciação da polaridade separativa ou da unitiva, ainda separativa quando centrada não no vácuo mas numa das determinações que a partir dele emergem, à qual se pretende então reduzir todas as outras como a seu princípio e fim único.

Importa aqui esclarecer e salientar que, na dimensão de união-cisão originária e meta-ontológica em que a assumimos - como simultaneamente alheia a e condição de possibilidade de qualquer gênese e ciência de um ser determinado - , a saudade é uma potência neutra e por isso ambígua, na sua amoralidade, para todo o juízo moralmente pautado. Nem boa nem má, em si mesma, tal como o princípio que indissociavelmente manifesta e encobre, re-vela, a sua natureza crepuscular e mista, tão auroral quão vespertina, no trânsito e recurso entre a treva e a luz, a noite e o dia, o caos e o cosmos, é fonte indiferente, do ponto de vista dos seres potencialmente diferenciados, quer de iluminação e libertação totais no vácuo pleno, por implícita assunção amorosa do universo nele palpitante (conforme a experiência inaugural cuja tentativa de explicitação conceptual constituiu o início e permanece como o viático da presente viagem especulativa), quer de não menos extremos obscurecimento e escravização no exercício exclusivamente finitizante, separatista e egocêntrico da liberdade auto-criadora, progressivamente degradada em livre-arbítrio, ele mesmo cada vez mais restrito nas suas opções pelo crescente afastamento do seu sujeito - divino, humano, demoníaco ou outro - relativamente ao incentrado centro, supra-determinado e livre, da primordial e universal energia ontogónica. Se a união-cisão saudosa, ainda que na sua originária manifestação alheia quer às configurações das personagens/pessoas e individualidades que entretanto possibilita, quer às valorações antinómicas do seu esquecimento onto-lógico, moral e estético (ser-não ser, verdadeiro-falso, bem-mal, belo-feio), pode ser dita como a eclosão distensiva de uma alteração (sem alienação) no seio do vácuo pleno, pela qual ele se joga, ganhando-se como princípio criador/criado da comunidade onde vive, perdendo-se como o uno, único e ab-soluto que só então, enquanto o permanece, se reconhece e deseja na distância memorativa mas inessencial, a própria saudade primordial, enquanto instância re-veladora, patenteia a indeclinável potência de esquecimento e divórcio que

constitui a sua mesma polaridade de re-cordação reminiscente e unitiva, na unidade de uma matriz lúdico-aventurosa em que a totalidade do existente fervilha num perene crepúsculo misto de indefinição e definição. Implica isto, ao limite, que a assunção do sentido in-finitizante e libertador da pulsão que na saudade se oferece, só possível a partir do seu saber radical e experiencial como união-cisão, exige o *sacrifício* da mesma, re-volvendo-a à sua ausência no *salto* - sem memória, desejo ou esperança do quer que seja - que a tudo re-integra na única instância porventura irreversível, em sua incomensurável e apocalíptica abissalidade: a anulação sublimadora da alterabilidade do princípio, que o é, afinal, do próprio haver princípio e algo nele, como distinto do e incoincidente com o vácuo pleno. A *saudade da não-saudade* desvela-se assim a mais elevada e profunda forma de saudade, pela qual esta se auto-depura e transcende, depurando e transcendendo o universo da manifestação. Permanecendo a saudade apenas como tensão até um limiar de sublimação, de todas as formas de individualidade, subjectividade e personalidade em si, de si em vacuidade e desta ainda em não caracterizável sequer como tal, eis a solução do drama e tragicomédia universal da eclosão saudosa e o sentido último da expressão comum: “matar saudades”.

A eficácia universal da libertadora mestria da união-cisão saudosa ou da gênese primordial - mas, paradoxalmente ou não, apenas para as formas de subjectividade que optem por levar o processo até às últimas consequências, ou seja, cumprindo e superando a superior possibilidade do livre-arbítrio, libertarem-se da contingência e dos limites inerentes ao ser algo para si, pelo que se auto-constituem por selecção e exclusão de possibilidades e logo se condenam a uma incontornável finitude - não é, por isso mesmo, incompatível com a manutenção do jogo metamórfico do princípio e das potências uni-cindidas. Poder-se-ia assim dizer que tudo se passa, simultaneamente, segundo duas visões, elas mesmas o primevo e derradeiro modo da ilusão que divide o indiviso instante do vácuo uno e único, irrelativo afinal a sê-lo: num sentido, todos os seres, e sobre todos o princípio, são eternamente livres de qualquer determinação, positivo-negativa, inclusivé a de serem ou poderem ser e suas contrárias correlatas; noutra, eles mesmos sempre se jogaram, jogam e jogarão no intérmino baile de máscaras do Tempo e da Vida universais, alentados pela Saudade que sem cessar se recria; e

noutro ainda, que aos dois anteriores unifica e dissolve, uma e outra visão se reúnem e anulam na a-visão libertadora que todo o intuir, pensar e dizer só podem trair.

II

Assumimos as não restritas dificuldades de dar expressão conceptual à (a-)visão-sentimento incomum que aqui nos interpela, agravadas quando, por cuidado de não obstar de todo a compreensão, nos obrigamos a conceder à hermenêutica e categorias de toda uma tradição planetária constituída na recusa ou no esquecimento disso mesmo. Pensamos particularmente na tradição metafísica, de inequívocas origens míticas, religiosas e teológicas, que, a oriente e ocidente - *e no seu entendimento comum* - , predominou na confusão do que designamos por vácuo pleno com os seus aspectos refractados pelas múltiplas perspectivas do que nele - pela união-cisão primordial que suscita a génese e nomeação do incriado e inominável - se uni-cinde, esquece, nega e/ou recusa tal união-cisão e assim o objectiva, relativizando-o à auto-segregação de uma dada subjectividade, ainda mesmo e sobretudo quando lhe postula uma transcendência coisificada, inadequadamente pensada segundo o modelo espacial e axiológico da relação entre o interior e o exterior, o alto e o baixo, o celeste e o terrestre, o superior e o inferior. Qualquer determinação onto-lógica do supra-determinado, seja vácuo pleno, absoluto, uno, infinito, espírito, deus, ser, acto, substância ou outra, deve pois ser compreendida como relativa à, e transcendentalmente inscrita na, génese misteriosa aqui designada como saudade, na qual simultaneamente emergem o próprio supra-determinado e as potências que nele primordialmente se a-determinam. Não negando que nas visões e sistemas míticos, religiosos, filosóficos e científicos, e sobretudo na vivência profunda que origina e preserva o seu sentido mais autêntico, aquelas ou outras designações indicam o mesmo supra-determinado que nos interpela, como pólo magnético de comunhão, criação e libertação universais, trata-se aqui de, em ordem a assumir tal instância, radicalizar a busca compreensiva do processo pelo qual é possível a refracção do que só importa e a sua consequente permuta pelos aspectos assim derivados. Isto questionando-se sobretudo as múltiplas formas da visão - desde há milénios "triumfante" na história da representação religiosa e metafísica dos homens, e sobretudo desde há pouco mais de um século também na sua gémea refutação e antítese - que funda, justifica e legaliza no Princípio - ou, como é mais corrente dizer-se, em Deus - , como sua razão suficiente e sumamente boa, a ordem e hierarquia universal das

determinações essenciais e existenciais, ou seja, das limitações constitutivas e diferenciadoras dos seres. Mesmo quando identificou a razão da diferenciação criadora com o grau de participação, no Ser em si e por si, que a natureza de cada ente lhe permite, a formulação e o entendimento gerais e predominantes de tal visão não deixaram de atribuir à exclusiva liberdade e onipotência do Criador a *determinação criadora* dos limites, grau e modo da participação de cada criatura, num unilateral *imperativo genesíaco* que não deixa de tornar paradoxal a potência de recusa reconhecida à mesma liberdade ou livre-arbítrio nos entes criados.

A visão por nós questionada é assim, genericamente, e sem poder aqui atender as subtis e significativas diferenças das suas vastas modalidades, aquela em que a determinação da natureza múltipla dos entes, e da sua singular posição ontológica na hierarquizada ordem universal, perfectível ou ótima, procede, seja por livre e amorosa criação ou por necessária manifestação, *exclusiva e unilateralmente* da razão-vontade-poder absolutos de um princípio supremo e autárquico, *sem que os criados ou manifestados o sejam apenas na medida em que, coincidentemente, se auto-criam ou auto-manifestam, criando ou manifestando o haver do princípio, para si mesmo e para os seus co-geradores*. Secundários, embora exigindo uma renovada interpretação, à luz da inter-dependência genesíaca de tudo – inclusive, paradoxalmente, do absoluto, enquanto intuído, vivido e/ou praticado como tal -, são os traços gerais que apresentam a criação ou manifestação segundo um plano eterno e providencial, desvelado no tempo, histórico ou não, que promove a recondução de toda a multiplicidade, com ou sem anulação, ao uno primordial, e que entende o bem e a liberdade como a perfeição do livre-arbítrio - que opta conscientemente pela conformidade a tal ordem e orientação escatológica - e/ou como a plenitude da visão e do amor unitivos ao uno, consistindo negativamente o mal na opção contrária ou na ilusão da perspectiva e do desejo finitizantes.

Sem intuito de tomar como fim em si a polémica contra qualquer doutrina, somos unicamente convocados pela experiência originária e abrupta que continuamente nos alenta e ainda pela exigência, que consideramos num sentido *a única racional*, de tudo igual, eterna, instantânea e simultaneamente ser na perfeição, na liberdade e no infinito plenos, *sendo absurdos, e urgindo a anulação revolucionária, o princípio e a*

*ordem de um universo onde qualquer finalidade ou fatalidade extrínsecas, incluindo a de ser/não ser isto ou aquilo, imperasse sobre uma única potência e onde uma só e ínfima forma de ser e consciência fosse necessariamente meio para um bem ou um fim só fruído futuramente ou por outra, e onde algo acontecesse senão o por cada uma livremente criado. Porque tal não se verifica - o que manifesta tudo justo mas não justificado nem justificável ou desejável, pelo inegável sofrimento que há em seres que o não desejam*¹ - é que, alheios a qualquer forma de optimismo e pessimismo, irmãos gémeos na mácula da visão profunda que gera a paixão da vida anímica, compreendemos o estado primordial de todas as potências como o de uma comunidade menos no ser do que na Liberdade de uma vacuidade-plenitude abissal, alheia a qualquer essência e determinação positivo-negativa, porém na dinâmica da união-cisão e indefinição-definição saudosa que lhes possibilita quer a permanência nesse tudo-nada, ou terra de todos e de ninguém, da manifestação pura e virginal, não entificada, quer, nela e por ela, a auto-invenção segundo ilimitados e indefinidos modos, num jogo autopoietico configurador de outras tantas formas e graus de subjectividade e correlatos mundos objectivos, quer ainda o trânsito e recurso de uma para a outra opção. Mais do que *seres* dotados de livre-arbítrio e tendentes, pelo seu bom exercício, à liberdade, falamos de *potências* ou *liberdades* por união-cisão na vacuidade, ou, talvez melhor, por seu reconhecimento ou não, que, uma vez ludicamente exercidas num livre-arbítrio autopoietico, se vão dinâmica e metamorficamente determinando e manifestando na aparência de seres consistentes em espírito, alma e corpo (a singularização noética, geradora da psicossomática, faz aparecer, na génese de níveis energéticos progressivamente menos universais, simples e subtis e mais individualizados, complexos e condensados, até à sua final infra-determinação na matéria dita inanimada, a intencionalidade e o sentido de cada instante de protagonização singular do jogo universal, cuja potência livre e a-determinada jamais esgota). As diferenciadas afinidades de tais potências, enquanto entificadas na a-ventura autocriadora, geram as heterogéneas coordenadas, qualidades e características espaço-temporais - também

¹ O inconformismo da luta contra toda a forma de sofrimento deve ser movido não apenas pela compaixão por quem sofre, mas também por quem faz sofrer, na consciência de que tudo o que se experimenta são os efeitos naturais e afins de actos responsavelmente cometidos, de cuja inconsciência ou esquecimento o sujeito é ainda o único responsável.

espirituais, psíquicas e somáticas - dos múltiplos mundos e planos assim transitória e aparentemente substancializados no universo homogéneo e meta-substancial da manifestação primordial, num processo contínuo que desconhece a estaticidade, a irreversibilidade, a entificação e a essenciação definitivas.

Comunitários, os modos activos de subjectivação e individuação são solidários e interdependentes - não porque inscritos como elementos e partes num todo, mas antes por cada potência-liberdade conter em si, enquanto radicada na supra-essência, a totalidade dos modos possíveis de determinação do jogo universal - , sendo o mínimo acto autodiferenciador de cada ente, mental, verbal e/ou físico, um imediato influxo metamorfoseador da ordem dinâmica do universo, segundo o grau da sua energia e universalidade, ou seja, segundo a medida da sua radicação originária e final na vacuidade, fonte de excesso sobre todo o operar e produzir das potências, o que lhes permite a recriação infinita tanto das suas determinações noético-psicossomáticas como das técnico-culturais, correlatas daquelas na gémea ideo-materialidade das formas dos mundos plasmadas à medida da sua auto-invenção. Implica isto que todo o fenómeno, acontecimento e realidade, seja qual for, na multiplicidade dos níveis - espiritual, psíquico e somático, secreto, interior e exterior - em que o vácuo pleno se manifesta, é uma criação conjunta do corpo comunitário das potências-liberdades mas, mais directa e responsabilmente, da consciência singular que num dado momento instantaneamente o apreende, constituindo-o e constituindo-se. Exemplificando - e para que fiquem bem claras todas as suas maravilhosas implicações - , traduz-se isto em que tudo o que aparentemente vou sendo, em espírito, alma e corpo, a totalidade dos meus pensamentos, sentimentos, emoções, percepções e sensações, palavras e silêncios, actos e omissões, tudo o que aparentemente vou vivendo e me vai acontecendo, com quem o vivo e os tempos e lugares nos quais o vivo, em alegria e dor, felicidade e sofrimento, na ininterrupta metamorfose em que o nascer e o morrer coincidem (só ilusoriamente separados e opostos no início e no termo de cada ciclo somático da mesma), numa amplitude que abrange não só a minha doação intelectual e afectiva de sentido à existência, à vida e ao real, mas ainda a própria percepção aparentemente objectiva dos fenómenos sensíveis - as formas, cores, sons e outros, exteriores e interiores, com destaque para o meu próprio corpo - , é afinal *criado, numa actividade que pode ser mais*

ou menos consciente, livre e voluntária, activa ou passiva, criadora ou mecânica, pela minha contínua auto-invenção na matriz interactiva das relações e auto-invenções universais, possibilitadas mas não positiva ou negativamente determinadas pela omnipresente ausência do vácuo pleno. Isto, obviamente, enquanto o centro da atenção-intenção consciente, com todos os agregados do psiquismo infra-consciente que se lhe coligam, não refluir para o arrebatamento originário de onde partimos, ou seja, para a vida e trans-vida universal na qual o "ser e sentir tudo, de todas as maneiras" equivale afinal ao "nada ser", ou "ser ninguém", anulando-se por superação a possibilidade de uma auto-consciência - enquanto subjectividade privada e segregada da totalidade - na instância mesma que funda a possibilidade da sua omnímota auto-invenção.

Deste modo, a questionada visão da universal dependência dos seres, senão em seu fim último pelo menos em sua origem primeira, de um princípio divino que, enquanto razão e/ou vontade absoluta, lhes predetermina a natureza, a função e o correspondente lugar hierárquico na igualmente architectada ordem universal, e sobretudo a consequente justificação metafísico-religiosa das "naturais" carências, insatisfação e sofrimento inerentes à imperfeição e desigualdade ontológica que sacrifica uns seres a outros, ou à sempre futura realização do seu bem (mas também a gêmea atitude que imputa à malignidade, imperfeição, cisão e/ou impotência do princípio, em si mesmo ou na sua actividade criadora ou manifestativa, a existência positiva do mal, da imperfeição e da dor), não pode deixar de nos surgir - mesmo quando adverte ser tal condição fruto de uma queda universal a partir de uma plenitude primordial e portanto imputável à liberdade angélica e/ou humana e só indirecta e transitoriamente promovida por tal princípio divino - como efeito, sim, de uma *queda*, mas *apenas das subjectividades constituídas na protagonização e realização daquela mesma visão* (embora os seus efeitos abranjam necessária mas não essencialmente a totalidade do existente), traduzida numa minoração da liberdade e da compreensão primordiais e na plasmação de um mundo "exterior" à imagem e semelhança dessa autolimitação intrínseca.

De acordo com o anteriormente exposto será agora claro que a percepção e visão do mundo, bem como o indissociável mundo "real", de cada ente, individualidade e subjectividade, bem como as percepções-mundos de seus diferenciados géneros e

espécies, quer (no respeitante pelo menos à humanidade) no plano elementar do seu "senso comum" como naqueles diversamente elaborados das suas especializações teórico-artísticas, são a cada instante a transparente manifestação de um modo singular de determinação da vacuidade plena, propiciado pela saudade, e logo da interacção entre os jogos autocriadores de cada potência-liberdade, na sempre instantânea e contínua metamorfose da sua fenomenalização noética e psicossomática. Assim, homens, deuses, demónios e demais seres, sendo única e exclusivamente o que em conjunto se vão criando, e no mundo temporal-espacial que se vão criando, não podem senão - uma vez esquecidos da livre e sempre instante génese do seu agir autocriador numa fonte excedente de toda a acção-determinação - patentear e reiterar, na sua percepção e visão do real, isso mesmo em que instantaneamente e a cada momento se vão tornando, quase sempre com o significativo e doloroso atraso resultante da clivagem entre o (sem) fundo eterno do exercício sempiterno da liberdade e o tempo da génese da manifestação do seu acto por entre a resistência e a inércia da causalidade de todas as globais criações anteriores (suas e dos outros), interiores-exteriores, subjectivas-objectivas, e dos mecanismos dos hábitos resultantes do preferir antes viver adequado ao *já criado* (tendendo a esquecê-lo como tal, representando-o como *dado* e não vendo que todo o *facto* é um *feito*) do que em esforço e atenção criadores.

Esforço e atenção criadores que não são um valor em si mesmos, podendo igualmente converter-se no hábito que, ofuscando as potências no jogo e espectáculo da sua actividade (auto)poiética, as seduz e prende mais subtil e eficazmente não apenas nos determinismos efectivos e nos frutos da sua actividade mas também na *de-terminação in-ex-sistenciante* inerente ao próprio agir e à criação, sempre positiva-negativa, de ser e sentido, pela qual cada potência-liberdade se converte em espírito, antes mesmo do envolvimento psicossomático. Acto criador sempre emergente na remota e embrionária génese da consciência - pela primordial intuição espiritual que progressiva e imperceptivelmente se reflecte em pensamento e pensamentos - , e por isso dificilmente auto-consciencializável, sem uma profunda re-volução da mente ao imo anterior a si, tal uma sempiterna infância anterior a todos os nascimentos, perdida, encoberta e só presentida por entre as brumas da saudade, ferindo o advir do próprio espírito de uma ausência e distância que, sempre insanáveis e impreenchíveis, jamais cessará contudo de

procurar suprir, enquanto votado às ilusórias esperanças de uma actividade que, ignorando a cisão na qual consiste, sempre será insatisfatória e tarde ou cedo desiludida. O escravizante cultivo da genialidade da própria auto-criação, mormente quanto traduzida numa criatividade opulenta, interior ou exterior, de forma ou de conteúdo, surge como uma das tentações e limitações mais difíceis de reconhecer e superar, pois inscrita no próprio ser e dons adquiridos pelas potências e geradora do prazer e honra do sucesso, espelho mundano em que da imagem de si mesmo narcísica e vaidosamente se enamora o erotismo das potências. Assim mais se enclausuram nesse generalizado amor-próprio mais intenso e difícil de reconhecer e sacrificar entre os deuses contemplativos e criadores e, entre os homens, por aqueles cujas qualidades, ou seja, defeitos, mais se lhes aparentam: por um lado, os "espirituais" e "religiosos" orgulhosos de o serem, que se detêm em formas conceptuais como "Deus", "vácuo pleno" ou outras, ou em estados ainda mentais de visão e fruição, presunçosos da própria salvação, eleição ou iluminação, garantindo-lhes o imortal recorte de um ilusório perfil na eternidade; por outro, os intelectuais, artistas e estetas em geral. Auto-escravizados pelo culto das formas, inteligíveis e/ou sensíveis, e sobretudo do próprio e aparentemente inesgotável poder da sua criação, compreensão, renovação e aperfeiçoamento, mais tendem eles à ego-idolatria que lhes veda a experiência indivisivelmente libertadora da vacuidade abissal e do amor universal, exigente do irrestrito esquecimento de si no pôr-se ao serviço da libertação última de todos os seres, só efectiva e desocultável, conforme adiante se dirá, pelo não-agir corrector da pulsão distensiva da saudade.

Regressando à questão aberta, ver e dizer o mundo em queda, ou como determinado por uma queda, pretendendo intrinsecamente mediata, processual e/ou histórica a instância da sua redenção, cedendo ao mal no adiamento da plenitude segundo a distensão de uma esperança passiva ou cedendo-lhe ainda na pretensão à sobrevivência e felicidade eternas da subjectividade privada e ilusória - cuja comum e fatal desilusão abre as portas à fenomenologia do desespero, do niilismo, da angústia, da náusea, do absurdo e do tédio (entre deuses e homens o esgotamento das beatitudes celestes, quando não acompanhado pela sabedoria da vacuidade, gera a incompreensão e a revolta que conduzem naturalmente às danações infernais) - , não é mais, ante o tudo assumir e compreender na vacuidade e na liberdade auto-criadora nela firmada, do que

sintoma e confissão de um auto-abatimento da liberdade e da visão e da consequente saúde e pujança psicossomática e, sobretudo, sintoma e confissão da *incapacidade*, ou seja, da *ausência de vontade*, para ali se reintegrar, incendiando *em si* os aspectos poluídos do universo aparente para se/o metamorfosear na fulgurante aparição da saudade primordial, a tudo nesta *libertando*, ou seja, *vendo/criando livre*, e ainda a esta mesma sublimando em vacuidade pura. Supõe isto, como veremos, que, segundo o princípio e lei universais da interdependência de todos os entes, e da gênese de toda a existência e realidade a partir da visão auto e co-criadora de cada potência, cada acto desta possui uma imediata eficácia universal, potencialmente reintegradora ou não (ao menos até ao limite resultante da interacção do seu poder com os poderes de todas as demais potências) da totalidade da manifestação na vacuidade plena em que sempre é e só ilusoriamente se não reconhece.

III

Aquele que instantaneamente a tudo vê no vácuo pleno e que, seja nesse ápice que a todo o tempo transmuda e anula, seja em sua meditada reiteração - em que a temporalização ressurgue como o que se auto-devora - , vê que o permanecer algo, embora indeterminável, em tal instância - mostrando-a inconfundível com o nada ou a nadificação - , implica a coincidência do identificar-se-lhe com o dela diferir, surpreende quão enigmático e já misterioso é o haver de uma *in-ex-sistência* - que é a sua, a de cada um e a de todos os seres - que só se possibilita enquanto indissociável da totalidade das *in-ex-sistências* e do que nesta plenamente é como a ela absolutamente irrelativo, firmando-a e fundando-a no sem fundo ou firmamento de uma *relação ao alheio a qualquer relação*, seja ainda de excesso ou transcendência. Esse, *que assim vê e se vê como o que a tudo e todos em si, e a si em tudo e todos, a verem o mesmo vê*, para sempre transportará consigo, como luz acesa no mais que secreto esconso do seu espírito, a impossibilidade de crer, respeitar e aceitar o senso comum mais culto ou inculto dos seres - deuses, demónios, homens ou outros - que reputam a individualidade, a subjectividade e/ou a personalidade como mónada separada, privada e determinada, e não genesíaca e intimamente comungante com a dinâmica do todo na plenitude e infinito da vacuidade. E é a mesma luz, decerto tenebrosa, caótica e insuportável para quantos identificam o cosmos à totalidade orgânica dos seres constituídos em naturezas, géneros e espécies, que - no mais que secreto desse que assim vê - lhe impedirá identificar-se à mera *in-ex-sistência* mais ou menos amplamente determinada, e assim mais ou menos englobante das demais *in-ex-sistências*, de um deus, demónio, homem ou outra, não podendo mais que, num sentido, sentir-se exilado e desterrado em qualquer dos e em todos os mundos, tempos e espaços, da *in-ex-sistenciação* finitizante, embora noutra perspectiva, mais rica, não deixe de os apreender como íntimos ao mesmo jogo universal da possibilitação que ele mesmo protagoniza e, mais profundamente, na entranha a-determinação de si mesmo se protagoniza.

Meditando e reiterando-se, continuamente, no instante da suprema visão e liberdade, esse que vê não pode senão rejeitar, como impróprios e pobres, não só todos

os nomes "próprios" dos batismos da finitude, mas ainda todas as definições metafísicas e ôntico-ontológicas que a mediocridade divina, demoníaca e humana institui para enobrecer, embelezar e assim camuflar e esquecer, conferindo-lhes uma sedução, comodidade e prestígio encantatórios, os cárceres das mundificações à imagem e semelhança da sua auto-amputação constituídos. Esse que vê, se vê e a tudo em si/a si em tudo a ver vê, a união-cisão como a gênese primordial, instante e correlativa de tudo - de si, do haver princípio e da comunidade do que nele e por ele se gera, gerando-o, como atrás se insistiu - , *surpreende-se, no instante que intemporalmente antecede a sua ínfima delimitação in-ex-sistencial, não mais do que essa mesma união-cisão genesíaca e universal*, no âmago do processo espontâneo, instante e sempiterno pelo qual uma distensão intensiva e comunitária de potências eclode no vácuo pleno (que apenas assim se re-vela tal), harmoniosamente uni-cindidas numa liberdade abissal, que, colhendo da polaridade unitiva ao vácuo a supra-determinação, indissociavelmente colhe da polaridade separativa a possível gênese de todo e qualquer modo de determinação, positiva e/ou negativa. Esse ou isso que, no ápice do maior espanto e maravilha, se sabe/assume a própria liberdade anterior ao espírito e ser dos seres – os quais só ficticiamente, numa das douradas mas tragicômicas ilusões inerentes ao processo universal de escamoteamento da união-cisão, podem ser, sendo isto ou aquilo, absolutamente livres - , não pode, contudo, senão não conhecer isso que se sabe/assume, pois, desprovido de qualquer consistência ôntico-ontológica, é o próprio insubstancial haver de uma *terra de todos e de ninguém*, que a tudo origina e a nada se reduz, *entre* o vácuo, o ser e o não ser, o possível e o impossível, o real e o irreal. Quem ou o que assim sabe *sabe-a e sabe-se Saudade, antes de se conhecer/sentir saudoso*, o que fatalmente advém uma vez jogada, plasmada e actualizada numa in-ex-sistência particular aquela universal potência indiferenciada, genesíaca e plástica do vácuo pleno.

Refluindo assim para o que há de eternamente anterior a qualquer figuração e entificação de um qualquer modo de ser ou comunidade de seres, reintegrando a liberdade na genesíaca abertura da vacuidade plena, esse ou isso que assim à reiterada gênese e anulação da sua gênese - que é a mesma gênese e anulação da gênese de tudo - gerando-se e anulando-se assiste, contemplando (no limite-limiar de toda a consciência) o gerar-se e anular-se, de si e do universo, como duplo aspecto da mesma e sempiterna

iniciação no incriado, descobre-se como o que só vem a ser/deixar de ser criando-se/anulando-se algo no tudo-nada ser, ou seja, por essa universalização singularizante que para sempre o impedirá de falar de "eu" e de "outro" no sentido da grosseira lógica da separação e da clausura formulada nos princípios de identidade, não-contradição e terceiro excluído. Esse ou isso que, na distensão intensiva e sacrificial que no vácuo possibilita o universo positivo-negativo das modalidades ôntico-ontológicas, se surpreende como o que, antes de qualquer nascimento-morte na metamorfose da in-ex-existencição ou in-ex-existencições espirituais e psicossomáticas, suspenso e interrogativo tremula *entre* a absoluta supra-determinação, o tudo-nada ser e a multiplicidade dos modos unilaterais de ser/não ser isto ou aquilo, na consistente evanescência da união-cisão que é a Saudade, descobre a vertiginosa volúpia de *ser risco, limiar, aventura e abismo*, só se encontrando onde se perde, a tudo encontrando só onde a tudo perdendo, por tudo sendo encontrado só onde por tudo sendo perdido. Uma e outra vez assistindo à sua reiterada gênese/anulação, na metamorfose contínua em que o nascer e o morrer coincidem, no trânsito e recurso entre o vácuo e as múltiplas sendas da subtilíssima in-ex-sistencição espiritual, anterior ainda a qualquer projecção e mundificação psicossomática, esse ou isso - ***que é o este ou isto que aqui e agora, através do rosto-máscara do que impropriamente assina, veridicamente medita e escreve*** - contempla a sua gênese como *espírito*. Assim designamos a primordial visão que une-cinde na união-cisão primordial *im-emergente* no vácuo pleno: primordial visão, coincidentemente luminosa e tenebrosa, absoluta e relativa, pela qual o vácuo pleno saudosamente se vê e é visto como o mesmo-outro do que, vendo-o, por ele é visto e se vê. Sereno e vertiginoso arrebatamento de uma visão que, pura, ainda não conhece a fragmentação e conflito das faculdades, em busca de um quimérico acordo enquanto potências separadas, obstando à unificação primordial pelos focos múltiplos, divergentes e antagônicos da atenção.

A geração do espírito, indissociavelmente autónoma e heterónoma, singular e comunitária, consiste pois numa visão que, quer perspectivada na iniciativa singularizante desse ou disso que se une-cinde, quer perspectivada na correlação à manifestação do vácuo em que simultaneamente se implica, é menos cognitiva do que *criadora*. A *visão* é pois uma *(auto)invenção primordial de subjectividade noética*,

procedendo do irreduzível oculto que a excede numa triangularidade em que o vácuo, uma potência e a comunidade de potências se co-geram na in-ex-pulsão genesíaca que é a Saudade. Daí que, na mesma uni-totalidade triangular - e se a libertarmos da redução a mera faculdade (re)produtora de imagens sensíveis-inteligíveis, no plano restritamente psicossomático - , a *imaginação* possa ser vista como o próprio exercício auto-criador da e na liberdade primordial, *uni-cindindo pelo desejo inventivo do múltiplo no vínculo memorativo ao uno e vice-versa*, reconhecendo-se ainda aqui a Saudade como arquétipo noo-onto-cosmogónico da sua presença especular no jogo analógico das potências humanas, ao qual vulgarmente é reduzida.

Metamorfoseando a génese instantânea das potências em sujeitos espirituais - pela primordial visão/invenção uni-separativa que é limiar entre a supra-consciência do que há sem ser para si nem para outro e o ápice intuitivo da consciência do que é para si sendo para tudo - , o jogo da imaginação preside assim simultaneamente à conversão das potências-liberdades em espíritos, à determinação psicossomática de cada espírito e à correlata fenomenalização do vácuo pleno em múltiplos planos temporais-espaciais de experiência perceptiva. Toda a exuberante manifestação do universo primordial das potências puras em miríades de visões, consciências e mundos, ou, melhor, de consciências-mundos, procede pois do jogo interactivo da ilimitada energia criadora da totalidade das potências e da sua plasmação da própria fonte de onde activamente procedem, convertendo assim o vácuo em princípio e matéria primordial da formação de tudo quanto existe. A totalidade dos fenómenos - que, na abissal ausência de fenomenalidade, é afinal o fenómeno único, no qual tempo e eternidade coincidem - resume-se assim em *poesia* ou *magia*, entendendo por esta não a acção dominadora e/ou transformadora do real mas a *acção criadora*, inerente à pulsão genesíaca da Saudade, em si mesma não diferenciada mas origem e sustento de toda a diferenciação, consoante a psicossomatização-mundificação contínua do *imaginar(-se)* ou *magicar(-se)* originário em que cada espírito consiste, ao menos enquanto em si não suspende a metamorfose lúdica do in-ex-sistir. A qual também se pode designar como *i-lusória*, se tivermos em conta o sentido arcaico de *i-lusão*, que remete mais para um jogo ou recriação gratuita do que para um qualquer erro ou engano.

Se a g nese instante de cada potência como espírito reside no *imaginar-se* - ou seja, na sua ac o *mágica*, criadora de formas-imagens originais no fundo sem fundo do vácuo e da sua matricial-maternal plasticidade saudosa - , implica isto que, se não enquanto singular e secreto ritmo deste mesmo movimento autopoiético, ao menos enquanto modalidade fenomenal da existenciac o psicossomático-mundificante, o tempo   reversível. Sendo a g nese instante de cada espírito uma intemporal compresen a ao vácuo eterno e à comunidade de potências que neste para tal espírito assim eclode, a apari o da sua subliminar metamorfose nos planos do tempo espiritual, cósmico, psíquico, biológico e histórico - outras tantas determina es da sua ac o imaginativa, mais ou menos consciente e intencionalmente empreendidas - converte-se numa *viagem*, autoparturiente no seu presente contínuo, através dos múltiplos, diferenciados e correlativos passados, presentes e futuros daqueles planos, tornando possível - segundo a medida em que a distensão da consciência temporalizante se retrair até   intemporalidade plástica do vácuo - o trânsito e recurso de umas para outras das suas modalidades temporais, não são retro-prospectivamente reiter veis mas ainda reversíveis.   na *terra de todos e ninguém* da Saudade, equidistante do tudo e do nada, do real e do irreal, do possível e do impossível, do ser e do não ser - no limiar entre cada determina o primordial ou psicossomática e o seu correlato mundo de experiência lúdico/i-lusória e in-ex-sistenciante, no limiar entre cada metamorfose das potências puras segundo a magia imaginativa, a visão, o pensamento, a palavra e o corpo, no limiar entre cada nascimento-morte - se oferece, em sua fonte superabundante, o esplendor panorâmico da totalidade positiva-negativa e real-irreal das vias possíveis, as quais, *entranhas   própria fecundidade interior de cada potência*, ela (se) optar  segundo o maior ou menor grau de emancipa o dos determinismos causais-efectuais das op es anteriores, ou seja, segundo a medida da radical liberdade, originalidade e pujança do seu agir, tanto maiores quanto mais este exclusivamente se assuma e auto-determine no vácuo. Todos os seres, na contínua metamorfose do envolvimento espiritual e psicossomático das potências virginais e puras que intimamente são, se revelam assim *mutantes da Saudade*, não sendo o espectáculo da vida universal senão o fremente fen meno da sua coimplicada transmuta o.

Se o tempo primordial, ou sempiternidade, não é mais do que a Saudade, ou o vácuo pleno em sua genesíaca pulsão, já a multiplicidade heterogénea e pluridireccionada dos tempos - imaginativo-espiritual, cósmico, psíquico, biológico, histórico, em sua integração e interdependência - procede da interacção das metamorfoses auto-criadoras da totalidade das potências, cujas afinidades de sentidos e ritmos determinam a sua in-ex-sistenciação em planos aparentemente comuns e homogéneos de temporalidade. A morte física, termo da determinação somático-espacial de um dado regime de modulação psíquica do espírito e reintegração abrupta do mesmo (ao menos quando não consciente e intencionalmente antecipada pela ascese dos processos psicovitais) no infinito da a-determinação intrínseca, permite-lhe quer a renovação da sua manifestação psicossomática - numa opção mais ou menos livre (consoante o grau de consciência do processo, de auto-contenção da memória-desejo de ser e das impulsões provenientes das opções anteriores) de continuidade in-ex-sistenciante que, no plano fictício da temporalidade linear, uni-direccional e irreversível, pode patentear-se como um trânsito do futuro para o passado ou vice-versa - , quer a persistência no tudo-nada da união-cisão primordial, quer ainda a ascética renúncia à mesma, ou seja, a si mesmo enquanto espírito e ainda enquanto potência, no derradeiro acto da emancipação de todo o in-ex-sistir e da Saudade que é autodevolução ao vácuo pleno. Se interrogativamente meditamos a possível e única irreversibilidade deste acto, ou melhor, desta cessação de todo o acto, surge-nos ela, coincidentemente, como a mais pujante capacitação para um omnímodo, eficaz e libertador agir, simultaneamente, em todas as ilimitadas e reversíveis direcções e planos possíveis do advir e devir in-ex-sistenciante do universal jogo mágico da Saudade e das potências puras.

O jogo universal da união-cisão, ou in-ex-cisão saudosa, das potências - enquanto caleidoscópico e dançarino espelhamento e metamorfose de aspectos, figuras e formas (da nomeação dos rostos pessoais ao anonimato da vida inorgânica e desta àqueles) na a-determinada comunhão de potências/liberdades na vacuidade plena - é um gigantesco *baile de máscaras* onde a aparente e presumida substancialidade das próprias *pessoas* não é mais do que a conjuntural *personagem* e cintilação heteronímica através da qual soa (*per-sonat*) o clamor da e a re-vocação à liberdade do informe, excesso imanente de toda a inevitável de-terminação ôntico-ontológica do seu exercício lúdico.

Tendo como único fim - idêntico ao próprio acto e logo a cada instante cumprido - a fruição ociosa, vacante e festiva, alheia a qualquer sentido lógico, ético ou estético, mas implicando a fissura inclusiva e intervalar pela qual incorre no risco de esquecer dualistamente a identidade do que une e do que cinde, cada instância da mascarada metamórfica jamais cessa no entanto de ser o próprio rosto de aparição da liberdade e do vácuo no qual se possibilita. O que *é/não é*, ou seja, o que *in-ex-siste* - na consistência crepuscular e mista do que saudosamente *vai sendo*, positiva/negativamente determinando o supra-determinado - , é assim o que *aparece*, tudo sendo afinal *aparência*, movimento e eterna novidade de acontecimentos singulares e, simultaneamente, pois sempre o mesmo sob ilimitados modos outro (se) aparece, imutabilidade e identidade absolutas, na qual jamais algo houve, há ou haverá. A *aparência* só surge na e para a ilusão da visão que, esquecendo ou negando o processo, pretenda auto-segregar-se dele como sujeito substancial do seu conhecimento apoderador, não podendo então senão confrontá-lo como a multiplicidade de entes e objectos recortados e reificados à imagem do fito e modo das metamorfoses do interesse e da atenção nele projectados, na intemporal mas temporalizante origem da ontologomaquia que preside à conformação dos seres e das suas funções e lugares cósmicos. Se todo o processo de coincidente afirmação/negação do advir-devir universal é *máscara* do vácuo e das potências em si alheias a ser, não-ser, ser e não ser, não ser nem não ser, ou ser para ser, mas se a *máscara* é o próprio *rosto* e *persona*, ou *per-sonalização*, do vácuo comunitário - presente na sua ausência, ausente na sua presença - , a *aparência* só resulta da e consiste na incapacidade de ver/protagonizar isto mesmo, frequentemente convertida na pretensão a que algo de substancial e entitativamente *outro* apareça *aquém* ou *além* disso mesmo que a cada instante *aparece*. A *aparência* é a categoria ideativa e o estado real que se cogeram na ilusória visão dualista, unicamente para a qual são efectivos. Ela evanesce sempre que o saber da identidade entre o que une e o que cinde - o saber ou sabedoria da saudade, que dela mas, até um limiar, por ela nos liberta - reconheça em cada *máscara*, e no sempiterno *baile* de todas elas, a mágica heteronímia do *rosto* único, sem feições e com todas as possíveis, do tudo-nada e todos-ninguém presente/ausente.

Mais do que mera metáfora, extrapolada do âmbito da cultura humana e da sua linguagem, o *Carnaval* desvela-se-nos assim como rito e símbolo do jogo universal da

manifestação. Contrariamente à hipocrisia ontológica e cósmica da vida dita normal e séria - em que unilateralmente os seres (deuses, homens, demónios...) se identificam antes com o que vão sendo do que com a vacuidade, liberdade e criatividade na e a partir das quais vão sendo, e em que sobretudo, num grau superior de esquecimento ou perversa negação da metamorfose universal, se atribuem personalidades, mundos e funções definitivas (imanente, transcendental ou transcendentemente justificadas), enclausurando-se num determinado modo de finitude e assim fenecendo por temor de soçobrar na devolução do artifício da identidade egológica ao abissal infinito ou ao ilimitado jogo dos possíveis que nele se permite - , o Carnaval é a sinceridade em acto na qual transparece a natureza e (ausência de) finalidade vacante, lúdica, festiva, fingidora e gozosa de toda a manifestação, confessando a *máscara* que - sem inautenticidade senão no não reconhecê-lo - todo o *rosto* é, denunciando o ridículo de todas as *personalidades* que se pretendem mais do que a *personagem* que livremente se inventaram e recordando/operando a possibilidade de contínua reinvenção e metamorfose dos rostos/máscaras ontológicos, não só entre os sexos como, mais radicalmente, entre as essências, as naturezas, os géneros, as espécies e as correlatas formas espaço-temporais de mundanidade, não só as reais como as possíveis, do processo universal de entificação, em sua ilimitada e jamais exaurível abertura. A *folia* dos desfiles e momices carnavalescas, pois que *pôr a máscara* é aí o mesmo que *tirá-la*, revelando a continuidade da livre transformação criadora e o vácuo que a permite, em lugar do cárcere do rosto supostamente único e definitivo, pode ser vivida como a experiência escatológica da liberdade primordial, atrás designada como a *terra de todos e ninguém* da Saudade, afirmada/negada em cada instância de nascimento/morte de seus exercício e manifestação. Contrastando o senso comum das consciências/seres que ignoram ou encerram a metamorfose no seio de um mesmo estatuto ôntico ², compartimentado por um nascimento e uma morte únicos, a fantasia carnavalesca pode ser assumida como a

² Senso comum decerto mais ofuscante naqueles mais enclausurados por seduzidos em formas agradáveis, poderosas e honoráveis de in-ex-sistência, como os provisoriamente mais afortunados dos homens, os deuses e, sobretudo, o estado de consciência que se tem por Deus-Ente supremo, cuja derivada ignorância chega ao ponto de se pretenderem, sendo *algo*, isentos do devir e da morte metamorfoseadora... Consciências-seres co-geradas, cultuadas e imitadas pelas potências que *ilusória*, e não *i-lusoriamente*, protagonizam a dinâmica da união-cisão saudosa, bem como sancionados pelas religiões, teologias e metafísicas que o são por aversão ao vácuo e à libertação.

expressão mais autêntica da metamorfose contínua e instantânea, onde toda a geração é falecimento e vice-versa, que é o próprio processo da gênese das potências nos mais profundos e insensíveis movimentos mágico-imaginativos que livremente determinam o vácuo em vida espiritual e logo psicossomática. Assim se gera e auto-reproduz um encadeamento de formas-objectos, sensações, percepções, afecções e formações conceptuais múltiplas e contrastantes, originando uma corrente de estados de consciência que, a cada instante presidida por uma forma afectiva e ideo-realizadora dominante, se determina e ao universo na criação de uma modalidade ôntico-ontológica particular que, oscilando interminavelmente entre todas as possíveis, vem a subordiná-las àquela que condiciona um nascimento, vida e morte física, espacial e temporalmente singularizados no correlato mundo da manifestação. A folia carnavalesca patenteia assim o regime comum da vida espiritual e psíquica, cujo tumulto, oculto na opacidade da determinação física do corpo, faz com que um suposto homem, por exemplo, extensivo a todas as formas de ser, seja apenas o predominante revestimento psicossomático e exterior de uma liberdade que vertiginosamente se transmuta, a cada instante, na atitude espiritual configuradora de um deus, demónio, animal, titã, etc., conforme será transparente a uma penetrante percepção intuitiva ou simplesmente fisiognómica...

O jogo nómada e dançarino do universo de todos os possíveis que a cada livre movimento imaginativo espiritualmente no vácuo se determinam é assim presente na secreta intimidade de cada processo diferenciado de consciência, sob a aparente individualidade sólida, estável e definida da sua forma noética e psicossomática. Sem jamais se furtar à plenitude incondicionada do meta-ciente vácuo, a raiz de tal processo converte-se numa pulsão inconsciente, simultaneamente universal e individual, para as formas à superfície hegemónicas dos fluxos de consciência que, ciosos das suas quiméricas autonomia e privacidade, o recalcam num pretendido (e por isso mesmo falso e frustrado) esquecimento. Num outro sentido, a fonte do mesmo processo pode dizer-se íntima à ilimitada consciência uni-versal que de si saudosa e sacrificialmente o vácuo toma e concede, nos infinitos pólos de ex-enstática percepção constitutivos da comunidade primordial das potências puras, surgindo então como progressivamente inconscientes e impotentes as triunfantes polaridades de superfície dos fluxos

diferenciados de consciência, obscurecedoras da riqueza das suas tensões constitutivas e de toda a sua subtil e subliminar génese.

Não esquecendo que todo o jogo da diferenciação de potências/liberdades e seres/consciências é entranho ao vácuo meta-ciente e ao seu dispersivo recolhimento saudoso, poderíamos dizer que a modalidade epifenoménica do regime comum daqueles seres/consciências se destaca sobre um duplo fundo de intuições e percepções mais ou menos obscuras, só relativamente designável como supra e infraconsciente, pois móvel e inter-comunicante, não consistindo porventura as pulsões mais instintivas e ditas irracionais senão no incómodo resíduo gerado pelo recalçamento das intuições e percepções originárias no decurso da luta pelo predomínio de um modo mediano (mediocre) de representação dita racional de um real assim igualmente nivelado por critérios outros que não o da ilimitação arrebatadora e ex-enstática das faculdades. Assim, num exemplo cuja particular força de evidência procede de ser uma das mais intensas e axiais formas de experiência comum dos seres, o impulso erótico e sexual, mais do que afim a uma suposta dimensão animal e infra-racional, pode surgir e ser assumido como reminiscência tendente à reactualização saudosa, na integralidade noético-psicossomática do ser, do estatuto primordial de comunhão universal das potências na plenitude do vácuo, em que a diferenciação é unitiva, totalizante e infinitizadora. No que respeita ao plano humano, a degradação dessa libido primordial - íntima à eclosão orgiástica do universo das potências no orgasmo parturiente e meta-ontológico do conúbio pelo qual a própria vacuidade plena se uni-duplica em Princípio-Saudade, arquétipos da amorosa dança masculino-feminino que dinamiza toda a existência cósmica, expressão da beatitude de uma infinita hierogamia - na fenomenalidade do desejo concupiscente e particularizante, heteronómico e centrífugo, na cega dependência dos objectos por si mesmo criados, afigura-se-nos consequência da mais perversa auto-instituição, como instância dirigente do regime de consciência, sociabilidade e civilização, de uma racionalidade fundada por divórcio da imaginação criadora, da intuição espiritual-sensível e do sentimento, exercida em prol da dominação-transformação lógica, técnica e política do abismo a-racional do jogo universal das potências mediante a moralização, censura e repressão da inocente e vacante festividade da sua energia fruitiva, alheia à cisão entre sujeito e objecto, meios e fins e à

instrumentalização que a vai subordinar a extrínsecas finalidades produtivas, pervertendo-a em trabalho e, assim, em temporalidade penosamente ressentida pelo esforço de superação da distância e resistências entre um acto e um fito que já não coincidem instantaneamente.

Importa-nos sublinhar que, nesta perspectiva, na secretude anterior à oposição interior-exterior, mais do que mera analogia ou proporção macro-microcós mica entre o jogo do universo e o de cada potência-consciência-ser, há uma identificação recíproca, surgindo apenas a separação e a subalternização dos termos para a ficção dualista que é uma das possibilidades que sempiternamente na vacuidade se originam. Aliás, *na visão que aqui nos protagoniza*, sendo o vácuo pleno o único necessário e absolutamente inato, tudo o mais é o saudoso e carnavalesco baile de máscaras de fantasias e ficções magicamente ideo-realizadas, ao qual se reduz a idêntica história de cada consciência/ser e de todo o universo. Assim, tanto é válido dizer que toda a génese e processo do universo, na multiplicidade das suas formas de ser e da sua representação mítica, religiosa, filosófica, científica e comum, só é no sempiterno instante da liberdade inventora da forma noético-psicossomática que sou e me apareço, quanto dizer que isso que sou e me apareço só é no sempiterno instante da invenção de todos os possíveis que é o universo. Deste modo devemos considerar haver uma relação de recíproca osmose entre os vários modos da fenomenalidade - jubilosa, bélico-agónica, laboriosa, amorosa - do jogo cósmico, determinado pelas acções e paixões in-ex-sistenciais da totalidade das potências, e as tensões e pulsões profundas que sustentam e condicionam a constituição da consciência diferenciada de cada uma delas. O que resulta de, mesmo no aparente predomínio da determinação unilateral e egológica da consciência, a vida profunda de cada ser não poder jamais deixar de se enraizar no Tudo-Nada primordial de que não só tudo tem saudade mas que, em tudo, é a própria Saudade.

IV

O processo de aparente ruptura unilateral da união-cisão primordial e de transformação da eclosão harmoniosa e igualitária das potências no seu conflito diferenciador segundo graus distintos de criar, saber, amar e poder, gerador das várias estruturas hierárquicas que doutrinas não libertadoras justificaram e sacralizaram - e que configura a predominante tradição mítico-religiosa do planeta, não apenas nem primacialmente humana - , emerge assim dramática e tragicomicamente nas tensões e desenlaces da mais íntima vida espiritual e psicofisiológica de cada ente diferenciado, a qual naquele plano da vida cósmica indissociavelmente se manifesta. Sendo todos os seres simultaneamente autores, encenadores, actores, espectadores e teatro do jogo universal, na complementaridade interior-exterior da viagem de mutação lúdico/i-lusória e a-venturosa na qual vêm a ser o que sempre transitoriamente se criam, o ente que numa determinada consciência, tempo e mundo se supõe ocupar o lugar da dominação suprema (aquele que é representado como Deus ou o deus supremo, nas religiões, teologias e metafísicas não iniciáticas nem libertadoras) denuncia-se como mera máscara da universal interdependência lúdico-genesíaca das potências, correspondendo à feição característica do *ego* na correlata aparência de pólo director de cada vida e consciência diferenciada. Sendo ilusória a hegemonia de qualquer determinação sobre outras, e também a de uma determinação suprema - pois ser *de-terminado* é ser relativo ao, e no limite gerado por afastamento ou privação do, *supra-determinado* - , a gaia sabedoria da irónica e ridente seriedade carnavalesca liberta no baile universal e vácuo das potências a egoidade pessoal e o Deus-ente supremo da usurpadora pretensão de o serem, ambos afinal ficções co-geradas na (in)visão que, temendo "perder o pé" dos fundamentos, causas e razões, julga poder converter o abismo da vacuidade, e a liberdade gratuita e lúdica da sua manifestação, em princípio onnipotente, omnisciente e providente da inautêntica ordem do universo cuja aparência só pela recusa daqueles se gera. A impotência de ser no jogo infinitizador e universalizador do vácuo, ou de nele ser jubilosa e gratuitamente, sem desejo de o apoderar, conceptualizar ou de algo de outro, a construir por recusa da sua plenitude, ou a impotência ainda para efectuar a ascense libertadora das suas seduções enclausurantes, seria - se consentíssemos com esta

expressão ambígua - o "mal radical", em si mesmo a-moral mas gerador da distinção moral entre bem e mal, como uma das possibilidades que na origem sem origem saudosamente se abrem, dela aparentemente exilando os seres que no actualizá-las se constituem, conforme já indicámos.

Alheia a qualquer forma de moralidade e sua negação, alheia ainda a qualquer ética normativa, a sabedoria carnavalesca, procedente do reconhecimento da união-cisão saudosa, não impossibilita contudo uma ética da criatividade e, mais além, da libertação da própria criatividade, embora apenas enquanto exercício de amor e impassível compaixão para com os seres ilusórios-reais, deleitosa e penosamente enredados nas teias dos sortilégios por si mesmos imaginados, realizados e esquecidos. É neste sentido que *a integral assunção da dimensão lúdico-festiva da união-cisão saudosa não contradiz ou anula a ascética renúncia à mesma, ou ao apego à mesma*, enquanto tal permite a sua mestria e superior recondução à vacuidade-plenitude primordial e sempre instante. É ainda neste sentido que a a-moralidade compassiva da sabedoria carnavalesca - ciente de que, **sendo a distinção entre bem e mal a fonte de todo o mal, é no levar a tudo para além do bem e do mal que reside o mais profundo bem** - será sempre mais virtuosa do que todo o imoral moralismo da mentalidade judicativa, punitiva e recompensadora, de si ou do outro, mais ou menos vigente e predominante nas formas cultas e incultas de senso comum, a qual tende a instaurar uma postura particular e anquilosada no jogo de todos os possíveis como critério unilateral de "bem" e "mal" (habitualmente identificados ao que sanciona ou não tal postura) e a projectá-lo num dever ser universal, numa incontinência do juízo maniqueu e incompreensivo que não visa senão, ultimamente, transformar a riqueza dinâmica do universo na ressentida impotência, miséria e cadavérica rigidez do auto-amputado que assim julga, falho de outro amor senão ao que há em si de menos próprio. E pensar que houve quem desse estatuto apocalíptico e escatológico a tal juízo, superlativizando-o em Deus e na irreduzível fracção da comunidade espiritual entre os eternamente bem-aventurados e os eternamente danados !...

Quem ou o que assim vê, pensa e aqui escreve, quem ou o que assim fala porque a Saudade não cala, com os limites - decerto auto-impostos - das espirituais e psicossomáticas determinações por que se exprime, não pode deixar de contemplar, com

um sorriso de amarga e doce ironia, o irrisório dos processos pelos quais deuses, semi-deuses, demónios, homens e outros - não livres, não libertadores e falhos do pressentimento sequer da liberdade - se disputam, confrontam e trucidam por um lugar de poder, prestígio e prazer (de contorno espiritual, religioso, mágico, intelectual, artístico, político, social, económico, sensorial, etc.) nos mundos, raças, etnias, nações e sociedades emergentes por recusa do universo e comunidade primordial de potências puras. Lugar cuja efémera obtenção e conservação é indissociável da sólida de-finição de um *eu* cioso de um particular modo de desamor e in-transparência, reputado ou procurado não só definido como definitivo e autodestinando-se, por isso mesmo, a todas as resistências, oposições e confrontos desde logo impostos à egoidade da consciência e ao sedentarismo do ser pela lei da impermanência de toda a de-terminação, espiritual e/ou psicossomática: lei de libertação, pois que torna transitória toda a finitude, mas que o vulgo universal, humano, divino ou outro, recusa, bane e esconjura como sofrimento, doença e "morte", tornando o medo da liberdade/amor da escravidão em alimento das aspirações religiosas e metafísicas a uma imortalidade pessoal, em que a hipóstase celeste do ser para sempre isto ou aquilo ilusoriamente se supõe poder preterir a informe, metamórfica e sempiterna potencialidade de ser tudo/nada. Recusando e/ou esquecendo a omni-evidente verdade da *metamorfose* e da *morte*, escravos da *va(n)idade* que nimba de valor ético-moral e de seriedade a auto-afirmação de uma personalidade forte e responsável pela manutenção dos princípios, estruturas, ordem, leis, preconceitos e particularismos da in-ex-sistência finita, seja em que esfera for - divina, semi-divina, demoníaca ou humana, religiosa, intelectual, artística, política ou sócio-económica - , tais entes (normalmente os que mais dons particularizantes possuem, os que mais os objectivam em obras e que maior reconhecimento e influência social não libertadores alcançam, seja no céu, na terra ou no inferno), se chegam a aceitar o jogo infinito da imaginação, neutralizando o seu poder subversivo ao deslocá-lo do próprio ser para a produção artística de objectos de fruição estética, mais obstinadamente ignoram e/ou rejeitam, como condição da própria sobrevivência, o valor da meditação, da interrogação, da hesitação, da indecisão, da suspensão do juízo, da abstenção e da não acção nem produção (imaginativa, espiritual, psíquica e física), bem como todas as instâncias ex-en-státicas e arrebatadoras que, furtando-nos ao comum exercício (poético,

teórico, prático e técnico) de uma razão justificadora e reprodutora das de-terminações ôntico-ontológicas, nos desvelam (n)a metamorfose de todas as coisas no incondicionado, ou seja, no sem princípio, fundamento, razão, horizonte, perspectiva, sentido, utilidade, objectivos ou resultados.

Contrastam tais entes, e os mundos que a sua medíocre imaginação particularizante realiza - com o misto de ilusão que é a originária condição de toda a realidade - , com o sorridente e irónico nómada e asceta da Saudade, o qual, vagamundeando sem princípios, fundamentos, razões, ideias, valores, projectos, sentido, apoios e referências (não porque deles careça ou por incapacidade de os assumir, mas porque infinitamente os transcende), incinerando toda a memória e desejo finitos, por todos os modos de in-ex-sistência e mundos serpentinamente passa não se detendo em nenhum, a tudo simultânea e absolutamente estranho e íntimo, na compassiva sagesa que não age senão não agindo e, sem o pretender ou sequer dar por isso, espontaneamente a tudo liberta das de-terminações do agir, transmutando em si toda a dor da finitude na eterna alegria do que, sem daquela se alhear, a não sofre como tal. Aumentando o valor e sentido do universo na exacta medida em que anula o valor e sentido das suas definições mundificantes (unicamente para as quais surge a questão do valor e do sentido) reintegrando-as no vácuo pleno, sabendo que a génese do real consiste na visão imaginativa e que, assim, qualquer acto ou comportamento, por banal, paradoxal, absurdo e escandaloso que seja para o senso comum e as ortodoxias ou heterodoxias morais, é ludicamente legítimo (desde que eticamente não causador de sofrimento a quem o não deseja) e, transcendendo-se, pode ser intimamente animado por uma compaixão sábia e libertadora (irredutível a qualquer normatividade por depender apenas da singularidade dos sujeitos e das circunstâncias de exercício da sua intencionalidade secreta), o nómada e asceta da Saudade é susceptível de assumir simultaneamente os mais contrastantes e contraditórios aspectos para as consciências encadeadas nas suas de-terminações unilaterais. Em si mesmo desprovido de qualidades e virtudes, só possíveis na correlação ao defeito e ao vício, despojado ainda do auto-representar-se como tal, bem como de todo o modo de ser para si inerente ao amor-próprio que não (o) possui, o confronto da primordial, universal e natural sanidade, a que se resume, com os ilimitados rumos e mundos do delírio da in-ex-sistenciação unilateral e "séria", não ludicamente

assumida, dificilmente deixa de atrair sobre si suspeitas ou acusações de loucura, vindas dessa auto-suposta normalidade. E ele próprio, que é Tudo e Nada, Todos e Ninguém, pode e sabe utilizar tais juízos para confundir e assim libertar as consciências prisioneiras, mostrando - ainda segundo as suas perspectivas necessariamente limitadas pela dualidade e pela antinomia - a primordial e final coincidência, ou seja, dissipação, na íntima vacuidade de todo o acto desencoberta pela suspensão do juízo onto-lógico, ético e estético, do sumamente santo e abjecto, sábio e idiota, razoável e louco.

Para quem - pulverizando os fundamentos e rompendo o tecto do universo no grito de *Tudo e Nada !*, unicamente movido pelo furor, entusiasmo e volúpia erótico-saudosa de *tudo ser todas as coisas, Deus e mais além*, transcendendo todo o transcendente e a própria transcendência numa orgia de Infinito, que não pode senão suscitar o nojo da e a revolta contra a finitude contente de si - todas as dores e prazeres possíveis compassivamente assumir unicamente como energia a transmutar em combustível de Libertação universal, a inevitável experiência desta lhe tornará patente o poder do que só importa e como o vácuo pleno é o único necessário, na omnipresença abissal e selvagem que, sem princípio nem fim, instantaneamente a tudo em si incinera: Deus e Diabo, seres e mundos, princípios, leis, ordens, estruturas e hierarquias, conceitos, doutrinas, tradições, credos e anti-credos, míseras próteses das liberdades auto-amputadas que, convertidas de negativos meios em positivos fins, comumente reproduzem em céus e terras, paraísos, purgatórios e infernos, os cárceres da mediocridade e do temor por que aquelas se julgam furtar ao esplendor único do Imenso. Nesse Libertador universal - que, havendo suspenso a ilusão da auto-consistência do finito e do infinito que por ela se refracta, nem por isso cessa de *agir na e para a não-acção libertadora*, enquanto uma mínima forma de consciência sensível se enredar na teia do sortilégio causal-efectual e finitizante do agir que no mais tácito imaginar e pensar germina - se auto-evidencia o supremo poder prático-operativo, tão ontologicamente criador como destruidor, da liberdade feita acto e visão mágicos que, emergindo e imergindo no Vácuo, é puro excesso de todas as leis e regras do jogo universal. O sábio e louco Libertador - tão simples quão superabundante de compassiva e amorosa ironia, risonhamente espezinhando religiões, ateísmos e agnosticismos, dogmatismos e cepticismos, metafísicas e anti-metafísicas, e mostrando a afinal

impotente risibilidade não só de todas as de-terminações da liberdade, da imaginação e do espírito, mas também da própria liberdade, imaginação e espírito, sobretudo quando se convertem num *eu* auto-outorgando-se um lugar privado ao sol de qualquer mundo, paraíso ou divindade - sempiternamente liberta, num delírio ontofágico, todos os seres, e o próprio princípio que para eles é, de o serem, numa de-terminação sempre limitadora do alheio a todo o ser/não ser. Rompendo o véu da Saudade, sem memória nem desejo de qualquer paraíso - passado, presente ou futuro - , sem memória nem desejo do quer que seja, a tudo desoculta no Apocalipse instante do arrebatamento na vacuidade da vida primordial, *ai/aqui* onde tudo é Festa sem quem nem quê, sem porquê nem para quê, sem fim nem princípio.

No plano da grande política e polémica da ontologomaquia cósmica - cujo confronto bélico e agónico de potências é uma modalidade do jogo universal das mesmas, palidamente entrevisto na tradição mítica da humanidade terrestre e da qual os conflitos planetários são o símbolo vivo, hoje obscurecido pela sua degradação de nível - , o grande Libertador revela apocalipticamente a an-arquia encoberta na aparente e transitória mediação mon-árquica (integradora da subsidiária tensão e complementaridade aristocrático/demo-crática) instituída pela união-cisão saudosa que converte em princípio uno e único, para si e para a comunidade de potências em que se joga, é e reconhece como tal, o a-ciente vácuo que nada é para si mesmo. Na Libertação universal, realizada/desocultada sempre que uma potência a assuma, assim se liberta o próprio Deus, princípio ou verdade da dualidade e relatividade inerentes ao sê-lo, que é sempre um ser para si mediado por um ser para outro. A Libertação universal é pois a libertação de Deus/princípio/verdade, bem como de tudo o que in-ex-siste, da Saudade, ou do potencial ilusório da sua i-lusão lúdica, devolvendo-os ao vácuo pleno, numa instância que só extrinsecamente, e para a perspectiva teísta e/ou de um eternalismo entitativo e substancialista, poderá ser ainda identificada a um ateísmo e/ou niilismo, mesmo que iniciáticos, onde a morte-assassínio de Deus não fosse senão a ressurreição do vácuo, nas múltiplas potências cósmicas, do por e nelas mesmas fenecer no próprio acto de nelas e por elas ser divinizado.

Eis assim o possível testemunho de quem, ou do que, começando por duvidar de ser (apenas) homem, ou, sendo-o, de querer sê-lo, e ainda de ser ou querer ser algo, termina por descobrir-se alheio a qualquer in-ex-sistência e derivada essência, tudo simultaneamente sendo/não sendo e apto a tudo sucessivamente ser e não ser, consoante a plasmação do imaginar noo-ontogónico que a todo o ente convoca a ser um mutante da Saudade, surpreendendo porém no ignorar-se o pleno de sabedoria, potência e liberdade e deixando a obsessão do auto-conhecimento ontopsicológico para os idólatras da entificação, deuses, semi-deuses, demónios, homens ou outros, e suas re-velações e tradições não libertadoras. Involuindo da in-ex-sistência banal, arrefecida e senil para sondar, no crepúsculo das formas anquilosadas e fenecentes da vida, a primavera sempiternamente renascente da in-fância meta-onto-lógica e, no âmago do enigma matricial e originário, mais além ou aquém de toda a metamorfose entre morte e nascimento, o mistério pelo qual há princípio e o incriado se gera e é gerado gerando, eis a teoria possível que - arriscando e a-venturando os limites da consciência e no limiar movediço e tendente a abolir-se entre o ápice da razão e da loucura - aqui se comunica, com o sentimento vivo de que estas palavras não seriam tais se saudade não houvera na tensão para não haver, e aspirando a que, se perturbação ou inquietude elas gerarem, mais tal não seja do que graça conduzindo à dorida alegria de um prenúncio de libertação e glória.

Confessemos ainda que, procurando desde o início assumir uma suspensão da relação, situação e determinação hermenêutico-cultural do pensar, até onde o permitisse o exercício, comunicação e compreensão do mesmo, não podemos deixar de reconhecer quanto, na formulação teórica da experiência abissal que assumimos como princípio-fim instante do pensar e de tudo, interrogativamente se implica no secreto fundo mitogónico, ante-histórico e pré-consciente da re-velação contemporânea da universal singularidade do génio português. Ficará para outra oportunidade meditar e mostrar, como aliás já implícito noutros estudos e ensaios, quanto da teoria da primordial união-cisão saudosa, em sua génese, mediações e implicações últimas, se num sentido, mais próximo, dialoga com a mais significativa vertente, cósmico-apocalíptica, do pensamento e da poesia

portugueses contemporâneos, e com a sua singular tematização da instância saudosa, já noutra, mais remoto, se inspira na experiência oceânico-atlântica, serpentina e lúdico-graciosa da vida, conforme cifrada nas protagonizações e configurações mítico-simbólicas de Oceano, Atlas e Atlântida, de *Ophiussae* - a Terra das Serpentes - e da Lusitânia, cujo étimo - *lusus* - sugere uma constelação de ideias como "jogo", "divertimento", "teatro", "escola" (no sentido originário da *scholé* grega), "brinquedo", "graça", "zombaria" e "prazer". Ficará também para outra ocasião mostrar como, excêntrica relativamente aos lugares-comuns do pensamento, dominantes a ocidente e oriente, a potência poético-pensante da instância saudosa - por equitativamente respeitar a exigência de compreensão e exercício da liberdade, criatividade, singularidade e sociabilidade dos múltiplos e a da sua irrestrita e cósmica unificação arqueo-escatológica numa instância alheia a e excedente de qualquer determinação - permite, suscita e fecunda o diálogo e convivência planetários em torno do que mais ou só importa, para além das polarizações entre religiões, metafísicas e ateísmos e de qualquer vão sincretismo. Diálogo e convivência que - até hoje inexistentes, pese o "carnal ante-arremedo" dos Descobrimientos históricos, lamentavelmente mais comemorados do que superados - são por ventura a mais libertadora, nobre e incumprida vocação atlântica, lusíada e portuguesa.